

**LITERATURA CONTEMPORÂNEA:  
A ESCRITA DA SOLIDÃO EM JOÃO GILBERTO NOLL**

*Tania Teixeira da Silva Nunes*<sup>12</sup>

**RESUMO**

O contemporâneo vive momentos em que o indizível cada vez mais encontra espaço no inconsciente humano. Como descrever tantas tragédias e acontecimentos inimagináveis, barbáries que matam mais no coletivo do que no individual? Como entender que a mesma mão que salva, mata seu igual sem compaixão? E, o mundo quanto mais tecnologicamente avançado mais contempla o indivíduo em sua solidão. “A resposta pós-moderna ao moderno consiste em reconhecer que o passado já não pode ser destruído, porque sua destruição leva ao silêncio, que deve ser revisitado: com ironia, de maneira não inocente.” Independentemente da discussão sobre a designação pós-modernismo, pós-moderno ou contemporâneo, o pensamento de Umberto Eco retrata a arte literária do presente, que teima em repetir a estrutura de busca e quebra de um tempo de entreguerras, para desaguar no novo. Objetiva esta comunicação descrever uma percepção do momento atual da literatura, a partir da arte de João Gilberto Noll, quando o corpo em ferida aberta e a solidão, em cena, carregam para o último romance do autor – *Solidão Continental* (2012) – o mundo sem saída e o mesmo narrador anônimo e degradado com que o romancista inova e renova a escrita, ao aproximar da linguagem perfumes grosseiros e divinos. Ao final, sujeito e palavra acenam, renascidos, mas encontram-se afogados no mesmo e sempre-igual fosso do som.

**Palavras-chave:** Literatura. João Gilberto Noll. Inconsciente.

---

<sup>12</sup> Doutora em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense. Autora de *Corpo e alegoria – João Gilberto Noll – Walter Benjamin*, publicado pela Eduff em 2011. Trabalha onde. Qual é o e-mail de contato?

Entre areia, sol e grama  
o que se esquivava se dá,  
enquanto *a falta que ama*  
*procura alguém que não há.*

Está coberto de terra,  
*forrado de esquecimento.*  
Onde a vista mais se aferra,  
a dália é toda cimento.

[...]

Já nem se escuta a poeira  
que o gesto espalha no chão.  
*A vida conta-se, inteira,*  
*em letras de conclusão.*

Por que é que revoa à toa  
o pensamento, na luz?  
*E por que nunca se escolhe*  
*o tempo, chaga sem pus?*

**O inseto petrificado  
na concha ardente do dia  
une o tédio do passado  
a uma futura energia.**

No solo vira semente?  
Vai tudo recomençar?  
É a falta ou ele que sente  
o sonho do verbo amar?

*Carlos Drummond de Andrade*

## **1. Introdução**

Que correlação se pode fazer entre Carlos Drummond de Andrade e a narrativa visceral de João Gilberto Noll? A sexta estrofe desse poema é a epígrafe do último romance do autor. Noll não publica poesias. Mas carrega a chave do reino, ou seja, demonstra na escrita a mesma insatisfação contra o tempo.

O contemporâneo vive momentos em que o indizível cada vez mais encontra espaço no inconsciente humano. Como descrever tantas tragédias e acontecimentos inimagináveis, barbáries que matam mais no coletivo do que no individual? Como entender que a mesma mão que salva, mata seu igual sem compaixão? E, o mundo quanto mais tecnologicamente avançado mais contempla o indivíduo em sua solidão.

“A resposta pós-moderna ao moderno consiste em reconhecer que o passado já não pode ser destruído, porque sua destruição leva ao silêncio, que deve ser revisitado: com ironia, de maneira não inocente.” Esse pensamento de Umberto Eco, citado por Domicio Proença, em *Pós-Modernismo e Literatura* (1988), retrata

fielmente a arte contemporânea, que sem qualquer modelo a seguir, repete a estrutura de busca e quebra de um tempo de entre-guerras, para desaguar o novo.

Nosso objetivo aqui é partir das palavras-chave “corpo”, “imagem”, “linguagem”, “escrita” e “percepção”, para falar do contemporâneo na literatura brasileira: tempo de “solidão crônica” em que ler é matar um pouco o vazio, uma interessante possibilidade de ouvir vozes saídas de “bocas famintas de fraternidade” e “vivenciar as emoções, mesmo as mais rasteiras, para o coração não correr o risco de atrofiar” (NOLL, 2012, p. 61).

Se o poeta de *A Falta que Ama* traz nas águas do rio-tempo uma utopia iluminada, mesmo que seja o renascimento do sonho de amar, o romancista de *Solidão Continental* (2012) pouco difere do seu antecessor. Ele amplia a dor vivida pelo narrador a proporções continentais. Percebe-se, na presença desse eu, o outro, em busca de cura e encontro de si mesmo ante sua natureza degradada. Ambos tratam de um tempo de dissolução, tempo marcado por desencanto e impossibilidades.

Nesse poema, Drummond planta no esquecimento e na surdez do tempo. Planta na união. Aposta no entretempo, como espaço em que o presente se faz entre o passado e o futuro. E, de uma superfície de cimento faz nascer o sonho de amar: a semente poética.

João Gilberto Noll aposta em seus romances, na fusão dos corpos e nas imagens oníricas ou em uma utopia possível, como fuga do interregno do contemporâneo sem propostas: “...havia sempre uma pequena ferida a fechar, às vezes mínima, que podia ser sarada com um contato de pele (...), um beijo que não era dado havia anos, um sonho comentado na manhã seguinte” (NOLL, 2012, p. 35).

Nessa narrativa, a solidão é uma doença avassaladora que atinge o coletivo em tempos de frustrações cotidianas. O protagonista de *Solidão Continental* é um indivíduo anônimo, maduro, professor de língua portuguesa, andarilho, que carrega um “desmazelo mental”. Vive petrificado em um momento que define como “ponto intervalar”, cuja obsessão é buscar no encontro dos corpos uma forma de quebrar a solidão e sarar suas próprias feridas. O narrador quer um novo cotidiano, quer deixar fluir sua própria natureza, a partir do toque, algo que o sacuda do isolamento e o faça “verificar que o mundo continua doendo”. Seu maior desejo é “engrenar um acontecimento” capaz de fabricar a escrita de um novo romance a partir da errância e de seus fantasmas.

Assim, *Solidão Continental* narra a viagem de um homem, sem nome, de Chicago ao Sul do Brasil, passando pela Cidade do México e retorno ao Rio Grande, estado origem do autor. Não há dúvida de que em Porto Alegre o personagem continua vagando, agora na companhia de um jovem que parece ser italiano. Um garoto que misteriosamente desfalece no meio da jornada. E que o homem passa a carregar no ombro pelo interior do Rio Grande como uma louca *via crucis*, até que, finalmente, num hospital irrompe uma libertação mais que surpreendente (Sinopse da obra, editora Record)<sup>13</sup>.

Ele se apodera do corpo do rapaz para curá-lo. Depois descobre que o suposto estrangeiro é um farsante, pois usara o idioma para atrair para sua companhia, ele, um professor de português para estrangeiros. Descoberta a cilada, o narrador ferido e com pontos na cabeça retorna à cidade, pois reconhece que é com ela que agora precisa se entender para reingressar no cotidiano solitário.

Totalmente confuso, em estado de “meditação enfermiça”, o narrador teme não encontrar mais suas próprias referências no

---

<sup>13</sup> <http://www.skoob.com.br/livro/254867ED285421-solidao-continental>

mundo. Andar era a saída. Correr em direção nenhuma para aplacar o sofrimento, observar o mundo e meditar sobre sua mínima condição. A saída não é a morte porque tirar a vida ele não tem coragem. Mas o encontro com a morte faria com que não tivesse de aferir a realidade ou a irrealidade da própria circunstância ilhada em que permanece.

A aurora o acorda numa praia à beira do Guaíba, rio próximo de onde mora; volta para casa, encontra a porta entreaberta, entra, a empregada o socorre na limpeza do ferimento. Ante a iminência do encontro dos corpos é narrada a cena final: “e vi que ia beijar seus lábios entreabertos. E tirar sua roupa. E depois a minha. E ia, sim, lentamente entrar...” (NOLL, 2012, p. 125).

Ler João Gilberto Noll não permite ao leitor uma atenção desavisada. É preciso enveredar pelas brechas que a linguagem acena. O leitor deve recompor através das imagens em palavras o cenário, perscrutar a cena, acompanhar o narrador, decifrar ambiguidades, observar o avesso do mundo e a rua como um teatro em que os narradores – poucos protagonistas – transitam em desordem, pois levam sempre o leitor a uma confusão desmesurada.

Cabe a cada leitor colher os cacos desse mundo que contempla narradores desbussolados para compor o sentido na supremacia da linguagem, única chave do reino, no momento em que a crise da narrativa cerca a literatura contemporânea.

Perguntamos ao autor, em entrevista publicada no *Diário de Pernambuco, Suplemento Cultura* (2012):

A solidão hoje é uma doença que se apresenta em decorrência do mundo desequilibrado em “cotidianas frustrações”. Assim se lê em *Solidão Continental*. O narrador nesse romance relata que tem pudor e se sente humilhado de relatar esse sentimento a conhecidos e desconhecidos. Você crê que esse homem vê a solidão como uma degradação moral, uma incapacidade de engendrar novos relacionamentos?

A resposta de João Gilberto Noll é esclarecedora e, ao mesmo tempo, deixa uma abertura para o leitor procurar uma explicação para a narrativa e o tempo:

*Solidão Continental* é um dos meus livros que mais especulam sobre a vergonha. Às vezes de uma maneira curiosa: quando ele está a seguir o garoto por um caminho de terra esburacada, ele avalia que é melhor aquele seu sentimento de humilhação do que a sua atmosfera rotineira. Ele tem vergonha de seu vazio e logo que se encanta por Frederico começa a imaginar muitas viagens e um mundo social mais povoado, para não matar um jovem de tédio e não fazê-lo escolher a desertão. Ele conseguirá esse prodígio? (NOLL, 2012, p. 34)

### **1.1. Corpo: ferida aberta em *rictus* dramático**

**Nesse entreato havia a criação de uma terceira pessoa que ele estava sabendo inventar para me conceder ainda mais cobiça carnal (NOLL, 2012, 17).**

João Gilberto Noll não empresta sua voz a sujeitos centrais. Pelo contrário, é o homem comum que o interessa. Como representante da escrita do tempo presente, ele faz questão de trazer em cada obra: *corpos solitários*.

Nas narrativas contemporâneas, o corpo atua como signo semiótico, é linguagem e está sujeito a inúmeras significações e transita entre várias temáticas, dentre as quais a dissolução. Dissolução das identidades, das instituições, das utopias, das certezas. Observa-se nessa narrativa uma *performance* em que o corpo e a palavra integram uma multiplicidade de imagens e desafiam o leitor na busca da unidade do sentido.

Convém pensar na ideia do eu *versus* o outro. Na proposta de dissolução dos laços afetivos construídos pelas relações sociais. Discussão tão presente em nossa cultura, embora a solidão frente à telinha do celular; ou à telona da televisão não preenche interiormente o indivíduo, pois até a amizade passou a ser algo compartilhado sob o signo do virtual e do efêmero.

O encontro, a fusão de dois corpos além dos limites do realismo, é quase uma obsessão na prosa desse autor. Nesses momentos, além do figurativo, o erotismo avulta. Um *homo*

### *Linguagem em (Re)vista, Ano 09, N<sup>os</sup> 17-18. Niterói, 2014*

*eroticus*, como acentua o sociólogo francês Michel Maffesoli, erotismo no sentido “erótico social” essencialmente por sua relação com o outro (EICHENBERG, 2014, p. 4).

Fundir é a saída encontrada pelos protagonistas para dar mais energia ao corpo. Dois corpos em luta, em fuga na quase morte. Mas há também o sofrimento pela inquietação do cotidiano. Isso dá força e movimento à narrativa porque é pela fusão e pequenas mortes no gozo erótico, que esses corpos aproximam-se do sagrado, da perfeição, ganham intensidade e força positiva para encenar a dor do mundo. Diz o narrador: “Entre mim e aquele cenário havia como uma mucosa transparente doendo se eu tocasse” (NOLL, 2012, p. 77).

Assim, a solidão nesse último romance de João Gilberto Noll é uma ferida aberta. Ela está no centro da cena. Por ela, o corpo encena a palavra; o corpo é estrada que o outro percorre (sendo esse outro também o leitor); o corpo é entranha a ser penetrada, dela vaza a vida no limite, o apagamento de um si mesmo refletido no encontro de seus iguais, “náufragos desconhecidos”. Noll aposta no figurativo, mas não no realismo fantástico, nem somente no realismo de choque. Mas, no performático.

O corpo é dor e salvação. Ele é atingido pelo inesperado, pelo insólito e pela banalidade da vida: “Às vezes o corpo não reclamava mais”, acentua o narrador; outras vezes, o corpo vaga em uma ânsia cega de ultrapassar o vazio interior. O corpo quer dar alento a um si mesmo ante o insuportável e o inenarrável.

Depois dos anos 1980, o corpo tornou-se, na arte literária, prática e território fundamental a novas experimentações da escrita enquanto inserção no universo da cultura. Não que não houvesse referência ao corpo na literatura brasileira desde a Carta de Caminha. Mas, nesse novo momento da arte, o corpo passa a ser visto como potência e poder de resistência.

Em obras crepusculares de Drummond em duas antologias – *O Corpo: Novos Poemas* (Record, 1982) ou *O Amor Natural* (1992) – o poeta acentua a sexualidade e a presença do corpo em seus poemas como nos versos de “Amor – pois que é palavra essencial”:

O corpo noutro corpo entrelaçado,  
Fundido, dissolvido, volta à origem  
Dos seres, que Platão viu contemplados:  
é um, perfeito em dois; são dois em um.

O fato é que narrar as dores do corpo é, às vezes, se aproximar do que o poeta pode ter de mais profundo em seu inconsciente, zona de sombra e produção do imaginário. Isso quase sempre cava imagens do sagrado, do sublime; às vezes do grotesco, do abjeto – polos contraditórios que ora se tenta destituir da escrita, para firmar a arte do contemporâneo como uma construção difusa e confusa de um centro totalizador. Aposta-se no entrelugar, no “en-

trato”. No entanto, isso não exclui a margem, pelo contrário, o sagrado reafirma o profano; o abjeto reafirma o objeto; a morte reafirma a vida e a presença do corpo reafirma a condição transgressora do sujeito no mundo.

Na construção estética de João Gilberto Noll, o corpo é palavra-matéria em um mundo sensível em que a fricção é necessária para não sucumbir. Tudo isso corrobora para a construção de novas formas estéticas, teatralidades da imprecisão, que dissolve a ideia de interpretação, a ideia da representação do vivido; para os efeitos da percepção e da apresentação de visualidades no mundo narrado.

O fato é que o real não mais satisfaz. E, conforme Georges Bataille anuncia em *A Literatura e o Mal*, a literatura tem de surpreender, daí o insólito, o acaso e o inesperado serem aspectos que retornam sempre na palavra do autor gaúcho. Tal como o homem isolado é nada, a literatura foca no corpo como pulsão de vida e morte (algo capaz de ser afetado e afetar) para produzir intensidade às narrativas. Mas é um encontro selvagem.

Desse modo, o homem aqui vive uma vida brutal. Vive a penúria do corpo, a angústia da alma, um desgaste físico que exige uma necessidade de ruptura para se refazer seja na dissolução, no êxtase ao olhar o mar, na chuva, na expulsão dos excrementos ou no choro convulso.

As obras de Noll exemplificam plenamente o momento descorporificado em que o homem vive, quando tudo é fluido, sem sentido, indefinido e afeta a todos em qualquer condição social. Suas narrativas desfolham imagens que se esfacelam em segundos no estilo direto do escritor de dizer muito com poucas palavras. Uma narrativa que, ao mesmo tempo, que é leve, asfixia e como-ve.



Tudo tem seu preço em meio a tantos avanços tecnocientíficos e biotecnológicos, o homem vê-se saturado de modernidade e paga com a corporeidade e o sacrifício do ser as consequências de sua utopia desenvolvimentista. Hoje o homem está cada vez mais destituído de pensar o futuro. No mundo consumista, os seres humanos despem-se de si mesmos e veem-se em contínuo abismo identitário, temporal e espacial, onde muitos não sabem aonde ir. O espaço e o tempo no romance aproximam o homem do presente.

A solução para sobrevivência futura ainda é um enigma e esbarra em algumas indagações a serem respondidas: como dividir o pouco que se tem com tantos que nada têm? Como encontrar a unidade na multiplicidade? Como ser solidário com as vozes periféricas que vivem o mesmo sofrimento? Como fixar e afirmar a subjetividade no mundo de mudanças permanentes? Qual o limite da tênue linha que separa o ser, o ente, a pessoa, o indivíduo ou o cidadão? A luta pela liberdade importa em constante fragilidade e fuga do abismo e uma guerra invisível entre o eu e o mundo. “Tamanha era a solidão de cada um que já queria vê-los enturmados até a medula. [...] Tamanha a solidão que nós três poderíamos passar a viver juntos na mansão”. (NOLL, 2012, p. 54)

## **1.2. Entreato: escrita renovada e sempre-igual**

**O que parecia um toque realista virou de súbito aos meus ouvidos demencial (NOLL, 2012, p. 91).**

João Gilberto Noll soma aspectos da tradição literária para renovar sua escrita no jogo ou trapaça em que insere a literatura e o artista mambembe na dificuldade de equilibrar a palavra com arte.

Se o crítico e escritor Silviano Santiago (2002), em *A Fúria do Corpo*, diz que Noll escreve um “romance cristão” com uma “grafia porosa”, Luciano Trigo aborda a relação do autor “quase

carnal com a literatura”. Sobre esses aspectos, o narrador errante de *Solidão Continental* justifica:

Antes de me levantar e partir, comentei que ele então era mórmon. Desses comentários que fazemos para reverberar algum assunto não satisfatoriamente desenvolvido [...]. Há tantas coisas ruins no mundo, ele falou. E acrescentou: Não é possível que Deus não veja isso tudo. Depois de ter vivido uma guerra, a gente fica sem saber, ele disse num *riktus* dramático (2012, p. 27).

O narrador desse último romance é o mesmo *alter ego* do autor e escritor. O narrador empresta seu corpo-*performer* para apresentar a dissolução das imagens e a conversão da própria escrita. Uma arte performática.

A palavra reforça as características do contemporâneo. Uma palavra preciosa e imbuída de um ideal maior. Uma ação na religião, que não explora o misticismo, o sagrado, mas se apropria deles tão somente como estratégia ficcional, para expressar a ideia de homem depauperado, esquecido do supremo e destituído da graça divina. É importante relatar que a narração não é uma retórica bíblica, mas – resalte-se – que a palavra do narrador permite o encontro do literário com o símbolo cristão, o encontro de chaves de leitura, que passam por esses conhecimentos seculares.

Outras marcas contemporâneas podem ser observadas na obra desse romancista gaúcho além da própria desconstrução do processo. Sobre a dissolução na obra de João Gilberto Noll, cabe observar que esta característica aponta para um novo modelo de representação do real no ficcional, que quer abrir a realidade a qualquer custo e mais detalhadamente possível ao leitor. Entenda-se “dissolução” como “destruição criativa”.

O caráter híbrido, inacabado, aberto e fluido da forma literária tem correlação com o presente. Para Walter Benjamin é a visão da linguagem como história e a visão da história como linguagem que nos ajudam a compreender melhor estas relações. O historiador deve estabelecer uma correlação entre os diversos momentos da história e “a história literária é concebida por ele como ‘produto

de uma construção’ ou ‘apropriação reconfigurativa’” (PLAZA, 1987, p. 3).

Trata-se de uma tentativa de ordenação do mundo a partir da desarticulação das palavras, das imagens e até da estrutura. Os personagens são seres sem esperança, eles carregam múltiplas vozes, a ruína de um tempo destituído de força de mudança já que não há rumos a apontar. Invenção, audácia, risco e figuração estão nas narrativas que não mais seguem movimentos ou tendências. Mas se inscrevem em uma relação multifacetada sem um eixo comum.

Em *Édipo e o Anjo*, Paulo Sérgio Rouanet comenta a teoria das imagens dialéticas de Walter Benjamin. Demonstra que a concepção da dialética do novo e do sempre-igual, justifica a presença de um tempo infernal, tempo de eterno retorno, em que o autor tem de dar conta da demanda, produzir sempre o novo em cada obra. Este teórico “acredita que a imagem dialética traduz a presença do sempre-igual nas estruturas do capitalismo. Mas ao contrário do capitalismo, julga que essas estruturas revelam, também, nesse sempre igual a latência do novo” (1990, p. 94).

Na verdade, o próprio capitalismo corresponde ao duplo movimento de sua própria dialética: o novo se opõe ao velho e vice-versa, pois, no sistema capitalista, o novo já é em si o velho, diz Benjamin em sua crítica cultural: “o novo é a transfiguração fantasmagórica do eterno retorno, movimento atribuído ao imanente, às estruturas da reprodução ampliada”. Esse pensamento tenta desprender o conteúdo utópico do arcaico – o sempre-igual como novo – pois “o Mesmo torna-se mais qualitativo se reproduzindo a níveis quantitativos cada vez mais elevados” (ROUANET, 1990, p. 95-97).

Noll traz os mesmos elementos transmutados pela linguagem do tempo. Assim, através da repetição do sempre-igual, expressa seu desconforto pelo mal-estar contemporâneo. Sua arte le-

va uma mensagem de acolhida ao que se pode chamar de utopia através dos gritos de seres desordenados ante as cicatrizes do tempo: “Naquela vertigem pós-ferimento, nome, endereço eram coisas sólidas, pesadas demais para que eu pudesse puxá-las do pensamento. Elas doeriam para sair” (NOLL, 2012, p. 88).

Convém afirmar que esse processo de construção da imagem, na vasta obra de João Gilberto Noll, coloca em xeque todos os elementos da narrativa clássica: narrador, personagem, espaço, tempo, enredo e também inclui a linguagem.

A prosa veloz do autor, sem pontuação ou parágrafo de suas primeiras histórias, evolui para a fragmentação, parágrafos longos, períodos coordenados, substantivação em excesso, ausência de floreios ou adjetivação, reticências em demasia, e, não importa que seja uma voz desordenada no romance ou um corpo insano porque “a vida tem fome de si própria e que nenhuma porção nem mesmo a esfinge da morte pode paralisar a fome da vida” (NOLL, 1981, p. 135).

Faz parte do jogo da escrita desse autor a confusão. O narrador-*performer* resume: “Tudo me confundia, mas sei que essa confusão fazia parte do jogo...” (NOLL, 2008, p. 109). Drummond, em *Claro Enigma* (1951) traz o poema *Dissolução*. Nessa estrofe o eu-poético encerra o corpo e a palavra para expor a dor de pensar, quando retrata a imaginação:

Imaginação, falsa demente,  
já te desprezo. E tu, palavra.  
No mundo, perene trânsito, calamo-nos.  
E sem alma, corpo, és suave.

Na literatura contemporânea, isso tudo são ingredientes que, somados, servem multiplicidade na linguagem ao leitor. Alguns chegam a abandonar o livro. Outros chocam-se; outros se encantam pela escrita: “a poética do instante, a poética do não, a poética

do excesso, a literatura da acumulação, a poética da dissolução” e começam a desafiar a leitura de imagens e nelas se encontram.

Em *Solidão Continental*, o desconcerto atinge o pensamento do protagonista que narra sempre cenários inusitados. Um sujeito em estado demencial, estado de sanidade, estado subterrâneo, situação de “overdose medicamentosa”, estado trêmulo, amnésico, fraco, de uma existência ensimesmada ou um viver entre companhias etéreas.

A premência do dizer e do fazer de João Gilberto Noll, a partir do corpo envolto em ritual-performático, aponta para uma arte que é igualmente resistência e busca; formação e deformação. É, também, uma aptidão estética através do eterno retorno do mesmo, possível de ser lida pela polaridade e complementaridade entre coesão e dissolução; realidade e ficção ou corpo e palavra.

Trata-se de literatura capaz de romper limites, em um “mundo sem viva vibração”, porque as palavras desgastadas encontram-se esvaziadas de potência, para tirar o homem da intolerância e da indiferença em que se encontra mergulhado. Em entrevista, João Gilberto Noll reafirma nossa leitura, ao dizer que ele promove seu fazer literário, a partir da insuficiência ou do desvio:

É sempre muito difícil escrever, cada vez mais difícil. Você vai ficando mais exigente com sua produção. Quando a coisa chega ao nível de ser vomitada – porque trabalho com o inconsciente – sai uma maçaroca, é difícil conviver com ela. [...]. A literatura vem do erro muitas vezes, da *insuficiência*. Não é um quadro de normatividades, se origina do desvio, da dissonância [grifo nosso] (NOLL, *Jornal do Brasil*, 2008, p. 2).

Drummond não pensava diferente. A guerra fazia parte do fazer poético:

Entendo que poesia é negócio de grande responsabilidade, e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor-de-cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contato com as forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação.

*Linguagem em (Re)vista, Ano 09, N<sup>os</sup> 17-18. Niterói, 2014*

Até os poetas se *armam*, e um poeta *desarmado* é, mesmo, um ser à mercê de inspirações fáceis, dócil às modas e compromissos (2012) [grifos nossos].

Isso serve de alerta aos leitores da literatura da contemporaneidade. É preciso conceber a literatura como arte produtora de pensamento interior para apresentar reflexões sobre o tempo e o contexto atual, é preciso estar atento aos mínimos abalos, continuar participando e produzindo, até que algo se revele – ou não – como essência de um coletivo.

Se no meio do caminho do poeta mineiro tinha uma pedra, os escritores do presente têm muitas guerras a vencer. Entre elas, a procura de substituir a falta por “algo que não há” e que ainda não sabemos para onde caminha (ANDRADE, 2012, p. 27).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. *A falta que ama*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. [Coleção Passagens]. Trad.: António Borges Coelho. Lisboa: Vega, 1998.

EICHENBERG, Fernando. Michel Maffesoli: era de novos padrões [entrevista]. *O Globo*. Prosa & Verso, 2014, p. 4.

NOLL, João Gilberto. *A fúria do corpo*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1981.

\_\_\_\_\_. *Acenos e afagos*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_. *Solidão Continental*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

PLAZA, Júlio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

PROENÇA FILHO, Domício. *Pós-modernismo e literatura*. São Paulo: Ática, 1988.

*Linguagem em (Re)vista, Ano 09, N<sup>os</sup> 17-18. Niterói, 2014*

ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o Anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

SANTIAGO, Silvano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

TRIGO, Luciano. Noll fala de sua relação quase carnal com a literatura. Blog do Galeno, 30/09/2008. Disponível em:

<<http://www.blogdogaleno.com.br>>. Acesso em: 16/09/2014.